Memórias de uma educadora: uma análise das ações iniciais pertinentes à Educação Ambiental no IFSC/SJ a partir das narrativas de Rose Beck [1]

Glaucia da Silva

RESUMO

Este artigo apresenta, a partir da análise de entrevista narrativa realizada com Rosamaria da Silva Beck, a relevância das ações desta educadora, para a introdução da Educação Ambiental como concepção político-pedagógica, no ambiente escolar do atual Campus São José do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina. No presente trabalho a Educação Ambiental está situada como sendo participativa e democrática e de grande relevância para a construção de processos educativos que favoreçam o desenvolvimento de indivíduos críticos e pensantes, a partir das reflexões de Reigota (2009). Observou-se nos relatos uma preocupação constante da parte da educadora em destacar a importância de ensinar a pensar, e suas memórias indicam essa preocupação como fator central no processo de criação do campus.

Palavras-chave: Educação Ambiental democrática e participativa. Educação Política. Memória.

1. INTRODUÇÃO

Como se sabe, muito já foi discutido sobre a importância da Educação Ambiental na implementação de uma gestão participativa em instituições de ensino de todo o Brasil, bem como sobre os desafios enfrentados por seus defensores. Quando falamos em Educação Ambiental, estamos nos referindo a um contexto mais amplo do conceito, o da educação para a cidadania, caracterizando-a como fator determinante para a consolidação de sujeitos cidadãos.

Neste artigo, elaborado a partir do resgate das memórias da educadora aposentada Rosamaria da Silva Beck, bem como à luz da revisão bibliográfica referente ao tema, o objetivo é analisar o percurso da Educação Ambiental no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina - IFSC, mais especificamente no Campus São José. O presente trabalho traz uma discussão do papel da educadora como precursora na implementação de ações pertinentes à Educação Ambiental, na instituição.

Rosamaria Beck, doravante chamada Rose Beck, começou sua atuação no âmbito do Instituto Federal (IFSC, 2015) na Unidade de Ensino Descentralizada - Uned, atual IFSC/SJ, no ano de 1991, como Técnica em Assuntos Educacionais - TAE, onde foi uma das responsáveis pela implantação do primeiro colegiado da unidade. Rose

1.Trabalho apresentado ao Curso de Especialização Ambiental com ênfase em formação de professores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista.

Beck, também foi a primeira diretora do IFSC Campus Florianópolis - Continente, onde trabalhou até o momento de se aposentar, em 2011.

A partir de entrevista realizada com a educadora, foi possível identificar, através das narrativas, que já havia por parte desta, uma preocupação com a formação de um espaço educativo participativo e emancipatório, na unidade de ensino em questão. Ainda que, na época em que Rose ingressou na unidade, pouco, ou quase nada se falasse sobre uma educação que visasse o desenvolvimento dos educandos, quanto a uma consciência crítica acerca das instituições de ensino e seus respectivos conflitos socioambientais.

Analisando uma dessas ações da educadora, em que chamou os alunos para participar da instalação do primeiro colegiado da instituição, é possível perceber sua preocupação em destacar a importância da ação de cada indivíduo na constituição do meio em que está inserido. De acordo com Reigota (2010), o meio ambiente "é um espaço determinado no tempo, onde ocorrem relações contínuas e dinâmicas entre processos naturais e sociais, e que incluem aspectos culturais e tecnológicos" (p.14).

1.1 REVISÃO DE LITERATURA

1.1.1 Desenvolvimento e discussão do tema: Educação Ambiental e Memória

O desenvolvimento do artigo está fundamentado no conceito de Educação Ambiental enquanto estudo do meio ambiente natural e social, bem como estudo e valorização das relações dos seres humanos com seu meio e entre si.

De acordo com Oliveira e Vargas "as primeiras orientações sobre Educação Ambiental foram definidas na Primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental (Conferência de Tbilisi)" que foi realizada na capital da Geórgia em outubro de 1977. Segundo os autores, esta conferência "representou um marco histórico para a evolução e fortalecimento da educação ambiental" e "se constituiu numa referência internacional para o desenvolvimento de ações de Educação Ambiental até os dias de hoje" (p. 303). De acordo com os pressupostos da Conferência a educação ambiental é

> ...um processo de reconhecimento de valores e clarificações de conceitos, objetivando o desenvolvimento das habilidades e modificando as atitudes em relação ao meio, para entender e apreciar as inter-relações entre os seres humanos, suas culturas e seus meios biofísicos. A educação ambiental também está relacionada com a prática das tomadas de decisões e a ética que conduzem para a melhora da qualidade de vida (BRASIL, 2015)

Em relação à educação em geral, a Conferência diz que, "a educação deve desempenhar uma função capital com vistas a criar a consciência e a melhor compreensão dos problemas que afetam o meio ambiente" (BRASIL, 2015).

Com base nas colocações de Reigota (2009), considera-se que sendo a Educação Ambiental uma educação política ao ser realizada tanto nos espaços formais como nos espaços informais de educação, deve enfatizar as práticas pedagógicas que estimulem os indivíduos a questionar as certezas absolutas e as verdades dogmáticas, pois esta é por "princípio crítica e questionadora" (p. 15). Nesse sentido, Reigota coloca que

> ...a educação ambiental como educação política está comprometida com a ampliação da cidadania, da liberdade, da autonomia e da intervenção direta dos cidadãos e das cidadãs na busca de soluções e alternativas que permitam a convivência digna e voltada para o bem comum (REIGOTA, 2009, p 13)

Cabe destacar que as ações de Rose Beck na instituição de ensino, tais como chamar os alunos para participar e mudar o sistema educativo vigente, correspondem a uma das premissas fundamentais da Educação Ambiental: sua função transformadora. A educação para a cidadania representa a possibilidade de mudar modos de pensar e estimular a participação dos alunos nas decisões e na defesa da qualidade de vida do ambiente escolar. Jacobi (2003) chama a atenção para essa forma de abordagem da educação ambiental e destaca a sua real importância no contexto das ações educativas

> O principal eixo de atuação da educação ambiental deve buscar, acima de tudo, a solidariedade, a igualdade e o respeito à diferença através de formas democráticas de atuação baseadas em práticas interativas e dialógicas (JACOBI, 2003, p. 197)

Somada a seus princípios e objetivos, a grande importância da Educação Ambiental está na atuação consciente dos indivíduos. Ela promove mudança de comportamento e forma cidadãos pensantes e críticos, fortalecendo práticas cidadãs.

Para o presente trabalho utilizou-se a memória como instrumento para recompor o passado, oferecer subsídios para se compreender o presente, bem como, para se traçar o futuro. Nesse sentido, Souza (2014) coloca que

> é preciso ter em mente que o trabalho de reapropriação do passado se apoia em resquícios a partir dos quais o processo de rememoração é realizado. Disso decorre a necessidade de conservar o passado sob a forma de vestígios, relíquias, testemunhos, discursos, isto é, pistas que permitirão a evocação e reconstrução futuras (SOUZA, 2014, p. 107)

Diante disso, Souza (2014) explica que no processo de utilização da memória como ferramenta de reapropriação do passado, esta "trabalha na ordenação e na releitura dos resquícios do passado, o que se consolida numa construção narrativa do passado". De acordo com a autora "é nessa construção discursiva que se atribui sentido ao passado e se preenchem eventuais imprecisões das imagens-lembranças, por exemplo, e assim o passado é relido, reorganizado" (SOUZA, 2014, p. 97).

Foi pensando nas colocações de Souza que, para realizar um estudo referente à inserção das primeiras ações inerentes a Educação Ambiental no IFSC/SJ, trabalhou-se com história oral buscando recuperar o material que está guardado na memória de uma de suas educadoras. Recorreu-se ao uso da história oral, por se considerar as narrativas da educadora elementos significativos para o resgate dessa história. De acordo com Menegolo *et al.*

> Ao recorrer a história oral, é preciso entendê-la numa perspectiva que vai além do relato dos fatos: é uma maneira de se chegar ao conhecimento de fatos vivenciados num dado momento histórico em que somente documentos escritos não poderiam revelar por si só todos os sentidos circulantes num determinado meio social. (MENEGOLO *et al*. 2006, p. 3 a 4)

Ainda de acordo com Menegolo *et al.* o uso da história oral, bem como as narrativas que dela se originam, estimulam a escrita, visto que

> Reconstruir histórias de vida, sejam elas nos aspectos pessoais, sociais, culturais ou profissionais, é uma forma de reaver lembranças escondidas reveladoras de sentimentos que, ao serem expressos pelas palavras, conseguem fazer os fatos renascerem mesmo imaginariamente. (MENEGOLO *et al*. 2006, p. 3 a 4)

Sendo assim, a construção narrativa, é uma tentativa de atribuir sentido ao passado, de conservá-lo e de aproximá-lo do presente.

2. METODOLOGIA

2.1 Coleta de dados

Em dezembro de 2017 realizou-se uma entrevista com a educadora, para o "Projeto Memória e identidade docente: Entrevista com Rose Beck", de autoria da Profa. Dra. Maria Teresa Collares, docente do instituto supracitado. Os dados levantados a partir desta entrevista foram utilizados para a construção do presente trabalho. A entrevista seguiu a orientação de entrevistas semiestruturadas, partindo de um roteiro predeterminado, começando com perguntas descritivas gerais, perpassando por perguntas especificas, porém, permitiu o aproveitamento de outros temas e assuntos

que foram surgindo no seu decorrer. Conforme Gaskell (2002, p. 65 a 66), “a compreensão em maior profundidade oferecida pela pesquisa qualitativa pode fornecer informação contextual valiosa para explicar alguns achados específicos”.

Considerando a importância das narrativas de memória para o resgate da história e tendo em vista as transformações ocorridas no ambiente estudado, utilizamos a metodologia qualitativa da História Oral.

O grupo responsável por realizar a entrevista, composto por entrevistadora, equipe de filmagens e colaboradores encontrou-se com Rose Beck, em sua residência, por volta das nove horas da manhã do dia vinte e dois de dezembro de dois mil e dezessete, permanecendo no local até as onze horas. A entrevista durou cerca de uma hora e meia, resultando em oitenta e sete minutos de material gravado. Este material está acomodado em um arquivo de vídeo, sob responsabilidade da IFSCTV e até dezembro de dois mil e dezoito encontrava-se armazenado em um servidor localizado no prédio do Centro de Referência em Formação e EaD - Cerfead/IFSC.

A utilização do espaço familiar da entrevistada, com idade avançada e saúde delicada, embora bastante vivaz e eloquente, buscou deixá-la à vontade, para que a descontração auxiliasse no fluxo das reminiscências. A presença de amigas e colegas de trabalho também visou o mesmo objetivo, ou seja, ativar as memórias de Rose particularmente em relação ao período em foco, no ambiente de trabalho compartilhado por elas. Essa estratégia mostrou-se eficaz, pois reiteradas vezes a entrevistada buscava confirmação de uma colega em particular acerca das memórias relatadas, através de gestos e palavras.

2.2 Rose Beck, objeto e sujeito da pesquisa

Muito se tem discutido sobre a necessidade de escrever sobre os sem história, de se dar voz aos invisíveis, de dar vez àqueles para os quais tem sido negado o registro de sua história. Com essas preocupações e levando em conta a importância e contribuição de Rose Beck para tornar o IFSC/SJ no que é hoje, buscou-se analisar um pouco da história da instituição através da visão de uma de suas protagonistas.

Durante as quase duas horas de entrevista, Rose Beck narrou um pouco de sua atuação no IFSC/SJ. Essas narrativas foram sempre confirmadas por sua colega de trabalho e amiga Mariângela Mattos Ávila, assistente social, Técnica em Assuntos Educacionais aposentada, presente no dia da entrevista e que trabalhou com a educadora e acompanhou toda a sua trajetória como servidora do instituto. Quando Rose Beck não

lembrava o nome de algum colega ou alguma data específica, recorria à memória de Mariângela para reafirmar a veracidade dos fatos e das vivências de ambas na instituição. De acordo com as amigas, sempre foi assim, desde os tempos em que eram colegas de trabalho no IFSC. Quando havia alguma reunião e Rose Beck não lembrava o horário marcado, ligava para Mariângela, pois esta sempre anotava tudo em sua agenda. Segundo Rose Beck, Mariângela era sua "agenda ambulante".

Como ferramenta metodológica, a história oral busca registrar as vivências e lembranças daqueles que querem compartilhar sua memória com os demais e permitir um conhecimento do que foi vivido. De acordo com Alberti (1989) a história oral pode ser entendida como

> um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc. (ALBERTI, 1989, p. 52)

As entrevistas de história oral são valiosíssimas como fontes para a compreensão do passado. Porém, para tornar a construção da análise mais concreta, levando em conta o valor histórico dos arquivos, e por crer nos documentos como sendo testemunhos da história, realizou-se também, uma pesquisa documental no Centro de Memória do IFSC/SJ, com intuito de reiterar alguns fatos e acontecimentos relatados por Rose Beck na entrevista. Considerou-se que, os relatos da educadora somados a análise de documentos escritos caracterizaram um conjunto perfeito para a apreensão e compreensão do passado, bem como, embasar e fundamentar a discussão proposta.

Entretanto, no momento de elaborar o texto do artigo, verificou-se que a riqueza das narrativas não seria devidamente expressa, numa simples organização de dados e/ou numa apresentação de resultados. Constatou-se que dessa forma o trabalho perderia as percepções mais aprofundadas e os sentimentos reveladores do objeto e sujeito do estudo: Rose Beck. Optou-se então, por apresentar os resultados, bem como organizar os dados coletados em forma de narrativa, abordando os pontos mais relevantes no que diz respeito à contribuição de Rose Beck para a história do IFSC em relação ao tema desta investigação: a introdução da educação ambiental como concepção político-pedagógica, no ambiente escolar do Campus São José.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO: COMPARTILHANDO MEMÓRIAS

Rose Beck começou sua vida profissional trabalhando como professora normalista, na cidade de Indaial/SC. Em Florianópolis trabalhou em algumas escolas particulares e em 1961 ingressou no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Com a instauração da Ditadura Militar em 1964, por ser militante da Juventude Universitária Católica – JUC e da União Nacional dos Estudantes - UNE, a família enviou-a para estudar na Universidade de São Paulo - USP, temendo uma perseguição política.

Na USP, Rose Beck teve contato com as teorias contemporâneas em educação e com importantes teóricos como Paulo Freire e Fernando Henrique Cardoso. Quando retornou a Florianópolis, trabalhou na Faculdade de Educação, na Secretaria Estadual de Educação e na Delegacia do Ministério da Educação (MEC) em Santa Catarina até se aposentar, depois de 25 anos de trabalho. Seu ingresso no IFSC só aconteceu depois da aposentadoria no Estado, quando passou no concurso em 1990, para trabalhar na Uned São José, atual Campus São José do IFSC.

O IFSC/SJ, (IFSC, 2018) teve origem na Unidade Descentralizada (Uned) da Escola Técnica Federal de Santa Catarina (ETF-SC). A unidade, a primeira da ETF-SC fora de Florianópolis, foi criada por meio do Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Técnico, criado pelo governo federal em 1986 e começou a funcionar em 14 de março de 1988. Rose Beck ingressou na unidade no ano de 1991, para trabalhar como Técnica em Assuntos Educacionais.

Quando a educadora ingressou na unidade recentemente criada, o Brasil passava por um momento importante e de grandes transformações em todos os setores. O país acabava de sair de uma fase de transição de um regime autoritário para um regime democrático e o processo de consolidação da democracia estava apenas começando. O ingresso de Rose na Uned se deu em meio a esse turbilhão de transformações e segundo ela, entre suas melhores lembranças profissionais, está sua entrada na unidade

> Para mim foi muito boa, porque nós fomos para uma escola recém criada, uma escola zero quilômetro, que não tinha ninguém *viciado*, todo mundo tava [sic] assim... entrando fresquinho, novinho, cheio de ideias. Todo mundo querendo botar tudo para quebrar. Botar todas as novidades, todas as modernidades do ensino. (BECK, 2017, vídeo 2, 00:01:53)

Naquele momento o conceito de educação estava adquirindo novos contornos e as ideias democráticas se incorporando ao processo de administração escolar. Conforme

Rose Beck, as decisões da escola eram sempre tomadas coletivamente, todos podiam opinar, da Assistente Social às Pedagogas:

> Todo mundo dava palpite! (...) Porque era toda democrática a escola. Até hoje ela é bem democrática né? Então era uma escola assim, que sempre tomava decisões coletivamente, entende? Isso foi coisa da Mariângela, minha, das pessoas que tinham vindo de um Movimento Estudantil, do serviço público (...) e estavam querendo muito estar em lugares onde elas poderiam opinar sobre os assuntos. (...) A gente discutia muito! Tudo lá era discutido! (...) A gente questionava e discutia muito. Os nossos chefes não eram muito desta história, né? Mas eles respiravam fundo e tocavam pra frente. (BECK, 2017, vídeo 2, 00:02:25)

Diante dessa nova realidade do processo educacional, e trazendo uma discussão sobre as questões socioambientais e as consequentes transformações do conhecimento, a Educação Ambiental se relaciona com as diretrizes da gestão participativa e democrática, tão defendida por Rose

> ...de vez em quando havia umas *querelas*, não dava briga, mas havia umas *querelas*, porque de repente a gente enchia o saco do homem, do diretor. (...) Ele passava uma ordem, a gente lia e ia *tcum, tchum, tchum* pro gabinete: "mas escuta, é isso mesmo?" A gente questionava tudo! Mas isso foi muito bom para a instituição, porque esses vícios todos que tem no serviço público e não sei o quê, nós conseguimos superar uma porção deles. As pessoas que vieram e não eram deste estilo, acabaram tendo que se integrar, porque elas não se *criavam* lá dentro. (BECK, 2017, vídeo 2, 00:04:16)

Para Rodrigues (2008) os problemas socioambientais específicos das escolas se relacionam com a "educação ambiental, em suas contradições e identidades, conflitos e consensos", pois esta, "está presente no cotidiano da escola e se define frente ao contexto de degradação socioambiental como uma exigência para todos os que buscam a concretização de uma sociedade mais justa, igualitária, democrática e sustentável". (RODRIGUES, 2008, p. 10)

O processo pedagógico da Educação Ambiental enfatiza a necessidade de se dialogar sobre os mais diferentes temas, principalmente no ambiente escolar. Para Rose, o diálogo foi fator determinante para tornar a escola em questão, mais democrática:

> ...foi uma escola que era assim... tudo era discutido! Professor e servidor se reuniam e discutiam, os alunos discutiam, depois se juntavam os representantes dos alunos, os representantes dos professores e aí faziam a discussão final e aprovavam. Então, tudo era um processo entende? (BECK, 2017, vídeo 4, 00:08:10)

Rose também narrou como se deu a criação do novo regimento da escola dentro deste processo pedagógico democrático:

> Nós queríamos fazer um regimento novo, mas nós queríamos fazer um regimento participativo, com a participação da escola. Aí queriam que só os professores fossem participantes, aí nós: "que participação é essa gente?

> Participação exclusiva? Não! Aluno, técnico administrativo e professor, todo mundo participa. Quem não quiser participar é problema pessoal. Agora todo mundo tem direito de participar." Foi uma briga né! Foi uma briga de onça no escuro! (BECK, 2017, vídeo 4, 00:08:30)

Para Rose, o modelo ideal de escola é onde todos tenham espaço para expor sua opinião

> A nossa turma liderava o movimento para a escola ser mais aberta, de dialogar mais com os alunos, com os pais. (...) Nós queríamos uma escola onde todo mundo tivesse liberdade de dizer o que quisesse, os alunos tivessem a liberdade de expor os seus problemas. (BECK, 2017, vídeo 3, 00:04:10)

De acordo com Reigota (2009) a metodologia participativa, inerente à Educação Ambiental "pressupõe que o processo pedagógico seja aberto, democrático e dialógico", entre todos os envolvidos, "entre os próprios alunos e alunas e entre os alunos e as alunas e os professores e as professoras e a administração da escola com a comunidade em que vivem e com a sociedade em geral" (p. 67). Através das narrativas, foi possível perceber a grande satisfação de Rose ao contar como se deu a criação de alguns órgãos escolares que contou com a participação de todos. Como a criação do primeiro colegiado da unidade, entre outros:

> A primeira coisa que nós inventamos lá foi essa! Foi uma maternidade coletiva, entende? (...) Nós criamos de tudo naquela escola! Nós criamos o colegiado, e tinha a coisa dos alunos também né? A representação dos alunos. (...) Tinha o Grêmio dos Alunos, que era assim, o Grêmio considerado recreativo, que os alunos tinham o conselho deles. Então assim... nós criamos uma porção de coisas e conseguíamos sempre, que é a coisa mais linda que eu achei, é que nós conseguíamos sempre, quando as coisas *apertavam* a gente sempre conseguia ter uma decisão coletiva. (BECK, 2017, vídeo 2, 00:07:38)

Sendo a Educação Ambiental democrática e participativa, esta deve estimular nos alunos o interesse, a participação e o envolvimento efetivo nas questões relacionadas ao ambiente escolar. Nesse sentido, Rose relatou que ela e "sua turma" incentivavam e convocavam os alunos para participar das discussões sobre aos mais diversos temas, relacionados à escola:

> ...se o governo federal tava [sic] estudando uma constituição, e aí tinha uma discussão sobre alguma coisa da constituição, aí a gente se juntava: "vamos levar isso para os alunos?" (...) a gente se organizava, a gente não dava uma aula de constituição, mas a gente mostrava para os alunos que a gente podia discutir tudo que uma escola botava no papel, porque eles eram parte da escola e eles tinham o direito de discordar ou concordar. (BECK, 2017, vídeo 5, 00:00:05)

E ainda, segundo as narrativas da educadora:

> Aquela escola lá, inicialmente ela foi muito boa, não sei como ela está agora. Foi muito boa no sentido assim, de fazer os alunos repensar as suas escolhas, repensar a sua vida profissional. (...) Os alunos eram muito, muito falantes! E falantes assim, com lógica, não eram falantes só de falar. Sabiam pensar! Pensavam! Nós ensinamos eles a pensar! Foi muito lindo aquela parte ali! (BECK, 2017, vídeo 4, 00:08:45)

A partir da bibliografia específica analisada, é possível perceber que essa revolução pedagógica realizada por Rose e "sua turma" no IFSC/SJ, se enquadra perfeitamente na perspectiva educativa inerente à Educação Ambiental, ou seja na perspectiva crítica, transformadora e emancipatória. De acordo com Reigota (2009) "a educação ambiental não pode se limitar ao acúmulo de conhecimentos, mas sim selecionar e interpretar os conhecimentos disponíveis", porém, "sem perder de vista que o objetivo principal é fazer com que esse conhecimento possibilite e amplie a participação política e social" de todos os atores participantes do cotidiano escolar, "dos alunos e das alunas, dos professores e das professoras, diretores e diretoras, cozinheiros e cozinheiras e serventes". (p. 98).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou identificar, através das memórias da educadora Rose Beck, as mudanças socioambientais ocorridas, bem como as consequências das ações desta, no ambiente escolar do IFSC/SJ, durante sua atuação como TAE, com o objetivo de legitimar essas ações como sendo inerentes à Educação Ambiental. Para Reigota (2011) a educação ambiental escolar "está fundada na perspectiva de transmissão e construção do conhecimento", bem como "na desconstrução das representações sociais". De acordo com o autor "com a educação ambiental, a escola, os conteúdos e o papel do professor e dos alunos são colocados em uma nova situação", porém, essa nova situação não está apenas relacionada com a apreensão do conhecimento, mas sim "com o uso que fazemos dele e a sua importância para a nossa participação política cotidiana". (REIGOTA, 2011, p. 85)

Partindo da afirmativa que a Educação Ambiental é uma educação política, e por princípio questionadora, participativa e democrática, constatou-se que as intervenções realizadas por Rose na instituição de ensino em questão, ainda que incipientes, foram ações características e pertinentes à Educação Ambiental, pois, possibilitaram a ampliação da participação política dos alunos nos processos de tomada de decisão no ambiente escolar. Entretanto, é importante ressaltar que o "despertar" para

uma consciência política não se faz da noite para o dia, é preciso que os indivíduos compreendam que suas decisões diárias interferem na qualidade de seu meio, bem como na qualidade das relações políticas e sociais com os outros indivíduos.

O presente trabalho preocupou-se também, em destacar as intervenções de Rose Beck no IFSC, bem como suas ações como TAE de forma que possa contribuir para evidenciar e ressaltar sua atuação como educadora, pois acredita-se que ser educador vai muito além do exercício da docência. Por fim, destacamos a importância de uma Educação Ambiental crítica e emancipatória para despertar uma preocupação, tanto individual, quanto coletiva, para as questões ambientais e socias.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. História oral: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

GASKELL, George (org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. Pg. 65,66.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. A política de educação ambiental. Disponível em: http://www.mma.gov.br/educacao ambiental/politica-de-educacao-ambiental. Acesso em: 12. nov. 2017.

COLLARES, Maria Teresa. Memória e identidade docente: Entrevista com Rose Beck. Projeto de Pesquisa apresentado ao IFSC/SJ em abril de 2017.

IFSC. Memórias não se aposentam: Rose Beck fala sobre a importância de "ensinar a pensar". Publicado em 19 de junho 2015. Disponível em: http://www.ifsc.edu.br/institucional/5038-memorias-nao-se-aposentam-rosebeck-falasobre-a-importancia-de-ensinar-a-pensar. Acesso em: 13. nov. 2017.

IFSC. Campus São José comemora 30 anos de história. Disponível em: https://www.ifsc.edu.br/conteudo-aberto/-/asset_publisher/1UWKZAkiOauK/content/campus-sao-jose-comemora-30-anos-com-arte-e-gincana/30681. Acesso em: 18. fev. 2019

JACOBI, Pedro. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. Cadernos de Pesquisa. N. 118, março/ 2003. (p. 189-205). REIGOTA, Marcos. O que é educação ambiental. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

REIGOTA, Marcos. Meio ambiente e representação social. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

REIGOTA, Marcos. A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

RODRIGUES, Angélica Cosenza. A Educação Ambiental e o fazer interdisciplinar na escola. Juiz de Fora: Junqueira & Marin, 2008.

SOUZA, Mariana Jantsch. A memória como matéria prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. In: Revista Graphos, vol. 16, n° 1, João Pessoa: UFPB/PPGL, 2014. p. 9.

ABSTRACT

This article presents the relevance of the actions taken by Rosamaria da Silva Beck, from a narrative interview made with her, to the introduction to Environmental Education as a political-pedagogical concept, at São José Campus of Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina. In the discussion, Environmental Education is approached as participative and democratic, as well as of having great relevance, to the construction of educational processes that favor the development of critical thinking subjects, based on the thoughts of Reigota (2009). It could be observed, in the reports, a constant concern from the interviewed educator with foregrounding the importance of teaching how to think and her memories indicate this concern as a central factor in the Campus' creation process.

Keywords: Democratic and participatory environmental education; Education Politics; Memory